

Exposição às telas em crianças com Transtorno do Espectro Autista: repercussões no desenvolvimento infantil

Ana Clara de Oliveira Teixeira Dias Carvalho ¹

Gustavo Henrique de Souza¹

Mariana Pirani Rocha Machado²

RESUMO

A exposição excessiva às telas tem se tornado cada vez mais frequente na infância, despertando preocupação quanto aos seus impactos no desenvolvimento infantil, especialmente em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O presente estudo teve como objetivo analisar as repercussões do uso excessivo de dispositivos eletrônicos em crianças autistas, destacando seus efeitos sobre aspectos cognitivos, sociais, emocionais e comportamentais. Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem quali-quantitativa, realizado por meio da aplicação de um questionário online via Google Forms a 15 pais e/ou responsáveis por crianças com TEA, além de revisão bibliográfica fundamentada em artigos científicos atuais. Os resultados evidenciaram elevada exposição das crianças às mídias digitais, com predomínio do uso de televisão e celulares, além de contato precoce com dispositivos eletrônicos. Os participantes relataram alterações relacionadas à atenção, interação social, linguagem, irritabilidade e dificuldade de regulação emocional após períodos prolongados diante das telas. Observou-se ainda que crianças com TEA demonstram maior interesse por estímulos visuais e repetitivos presentes nos dispositivos eletrônicos, favorecendo maior tempo de exposição. A literatura analisada reforça que o uso excessivo das telas pode comprometer experiências sensoriais, afetivas e sociais essenciais ao desenvolvimento infantil. Conclui-se que o uso equilibrado e supervisionado das tecnologias é fundamental para minimizar prejuízos ao desenvolvimento de crianças com TEA, sendo indispensável a participação da família e dos profissionais da saúde na orientação e acompanhamento desse público.

Palavras-chave: telas; desenvolvimento infantil; autismo; Transtorno do Espectro Autista; infância.

1. INTRODUÇÃO

O avanço das tecnologias digitais transformou profundamente a infância contemporânea, tornando o uso de dispositivos eletrônicos cada vez mais precoce e frequente. *Smartphones*, *tablets*, televisores e computadores passaram a integrar a rotina infantil, influenciando comportamentos, formas de interação social e processos de aprendizagem. Embora as telas possam oferecer recursos educativos e de entretenimento, a exposição excessiva durante a infância tem despertado preocupação entre profissionais da saúde e pesquisadores, especialmente pelos possíveis impactos no desenvolvimento cognitivo, emocional, social e da linguagem.

Nesse contexto, crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) demandam atenção especial, uma vez que apresentam alterações no neurodesenvolvimento que comprometem a comunicação, a interação social e os padrões comportamentais. Muitas dessas crianças demonstram maior interesse por estímulos visuais, interativos e repetitivos oferecidos pelas

¹ Acadêmicos do Curso de Medicina; Centro Universitário do Vale do Araguaia (UNIVAR). E-mail: ana.4claracarvalho@gmail.com / gustavohenriquesouza2016@gmail.com

² Docente do Curso de Medicina e do Mestrado em Ecossistema e Saúde pelo Centro Universitário do Vale do Araguaia (UNIVAR). E-mail: marianapiranirocha@gmail.com.

mídias digitais, o que pode contribuir para um aumento no tempo de exposição às telas. Embora, em determinadas situações, os recursos tecnológicos possam atuar como ferramentas auxiliares no aprendizado, na comunicação e no desenvolvimento de habilidades, o uso excessivo e sem supervisão adequada pode potencializar dificuldades relacionadas à socialização, atenção, qualidade do sono, desenvolvimento da linguagem e regulação emocional.

O aumento do tempo de tela na infância vem sendo associado à redução das interações familiares e das experiências sensoriais essenciais para o desenvolvimento infantil saudável. Em crianças com TEA, essas repercussões podem se manifestar de maneira ainda mais significativa, considerando a necessidade de estímulos sociais, acompanhamento multiprofissional e intervenções precoces voltadas ao desenvolvimento global. Dessa forma, compreender a relação entre a exposição às telas e o desenvolvimento infantil torna-se fundamental para orientar famílias, educadores e profissionais da saúde acerca do uso equilibrado das tecnologias.

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo analisar as repercussões da exposição às telas em crianças com Transtorno do Espectro Autista, destacando seus impactos no desenvolvimento infantil e discutindo a importância de estratégias que promovam um uso consciente e adequado das tecnologias digitais na infância.

2.1 Exposição às telas e repercussões no desenvolvimento infantil

A crescente inserção das tecnologias digitais no cotidiano tem transformado significativamente a infância contemporânea, tornando o uso de telas cada vez mais frequente entre crianças. Dispositivos como *smartphones*, *tablets*, televisores e computadores passaram a integrar a rotina infantil desde os primeiros anos de vida, contribuindo para o aumento do tempo de exposição às mídias digitais.

Os dados obtidos nesta pesquisa, realizada com 15 pais e/ou mães de crianças com TEA, evidenciaram ampla presença de dispositivos eletrônicos no ambiente familiar, uma vez que 93,3% das crianças possuíam acesso a esses recursos. A televisão foi o meio mais utilizado (93,3%), seguida do celular (60%). Além disso, observou-se contato precoce com as telas: 40% das crianças iniciaram a exposição entre 2 e 4 anos de idade, enquanto 20% tiveram acesso entre 1 e 2 anos, demonstrando a inserção cada vez mais antecipada das tecnologias digitais na infância.

Segundo Marques et al. (2025), o excesso de uso de tecnologias está associado ao aumento de alterações comportamentais e transtornos mentais na infância, especialmente devido à redução das interações sociais e da vivência de estímulos fundamentais para o

desenvolvimento neuropsicomotor. Os autores destacam que o uso prolongado das telas pode contribuir para dificuldades de atenção, irritabilidade, alterações no sono e prejuízos na comunicação interpessoal. Os resultados obtidos corroboram essa perspectiva, visto que 53,3% das crianças utilizam telas entre 3 e 4 horas diárias, enquanto parte delas permanece mais de 4 horas por dia conectada aos dispositivos eletrônicos.

Santana et al. (2025) afirmam que a exposição excessiva às telas interfere diretamente no desenvolvimento infantil, principalmente nas habilidades relacionadas à linguagem, socialização e regulação emocional. Os autores afirmam que crianças submetidas a longos períodos diante de dispositivos eletrônicos tendem a apresentar menor participação em atividades físicas, brincadeiras interativas e experiências sensoriais essenciais para o desenvolvimento saudável. Na presente pesquisa, verificou-se que o uso das telas ocorre predominantemente nos períodos da tarde e da noite, ambos com 53,3% das respostas, além de 73,3% das crianças utilizarem telas antes de dormir, fator que pode influenciar negativamente na qualidade do sono e no comportamento infantil.

A Sociedade Brasileira de Pediatria (2023) alerta que o uso indiscriminado de telas na infância pode provocar impactos negativos no desenvolvimento cerebral, sobretudo nos primeiros anos de vida, período em que ocorre intensa formação de conexões neurais. A instituição enfatiza que o excesso de estímulos digitais pode comprometer a atenção compartilhada, a interação familiar e o desenvolvimento da comunicação, além de favorecer sintomas comportamentais semelhantes aos observados em transtornos do neurodesenvolvimento. Nesse sentido, os responsáveis relataram como principais efeitos associados ao uso excessivo das telas a irritabilidade (73,3%), o isolamento social (53,3%), o aumento da agitação (53,3%) e dificuldades de concentração (33,3%).

Dessa forma, observa-se que o uso excessivo das tecnologias digitais representa um importante fator de risco para alterações no desenvolvimento infantil, tornando necessária a orientação de pais, cuidadores e profissionais da saúde acerca do uso equilibrado e supervisionado das telas durante a infância.

2.2 Relação entre excesso de telas e sintomas associados ao Transtorno do Espectro Autista

O aumento da exposição às telas também vem sendo discutido em relação ao aparecimento ou intensificação de sintomas semelhantes aos observados no Transtorno do Espectro Autista. Embora o uso de dispositivos eletrônicos não seja considerado causa do autismo, estudos recentes apontam que o excesso de estímulos digitais pode favorecer

manifestações comportamentais que dificultam o diagnóstico diferencial, principalmente em crianças pequenas.

Nesse sentido, Nepomuceno (2023) destaca que crianças expostas excessivamente às telas podem apresentar sinais aparentemente autísticos, como dificuldade de interação social, atraso na linguagem, contato visual reduzido e comportamento repetitivo. A referida autora sinaliza que, em muitos casos, esses sintomas podem estar relacionados à privação de estímulos sociais e afetivos fundamentais para o desenvolvimento infantil, reforçando a necessidade de avaliação criteriosa por profissionais especializados. Os dados da pesquisa reforçam essa discussão, uma vez que 53,3% dos responsáveis relataram perceber isolamento social nas crianças associado ao uso das telas, além de 73,3% observarem irritabilidade e 53,3% aumento da agitação comportamental.

Nessa mesma direção, Rios e Zogheib (2025) discutem que a exposição excessiva às mídias digitais pode gerar comportamentos que se confundem com características do TEA, dificultando o diagnóstico diferencial. Os pesquisadores afirmam ainda que o tempo prolongado diante das telas reduz oportunidades de interação humana, prejudicando habilidades comunicativas e sociais essenciais para a infância. Na pesquisa realizada, observou-se que 71,3% das crianças utilizam telas antes de dormir e que a maioria permanece exposta aos dispositivos por mais de 3 horas diárias, o que pode intensificar alterações comportamentais e dificuldades de socialização.

De acordo com as ideias preconizadas por Amorim, Cavichini e Santos (2026), crianças autistas frequentemente demonstram maior interesse por estímulos visuais e repetitivos presentes nos dispositivos eletrônicos, o que favorece uma utilização prolongada das telas. Entretanto, os autores ressaltam que estratégias voltadas à redução do tempo de exposição podem contribuir positivamente para a melhora da interação social, da comunicação e da participação em atividades presenciais. Nesse contexto, os resultados apontam que 80% dos responsáveis afirmaram existir regras sobre o tempo de uso das telas e 66,7% relataram supervisionar constantemente o acesso das crianças aos dispositivos eletrônicos, demonstrando preocupação familiar com os possíveis impactos das tecnologias digitais.

A Sociedade Brasileira de Pediatria (2023) reforça que o acompanhamento familiar e o estabelecimento de limites para o uso das tecnologias são fundamentais para minimizar os impactos negativos das telas em crianças com TEA. Dessa maneira, torna-se indispensável promover o uso consciente e equilibrado dos recursos digitais, priorizando experiências sociais, atividades lúdicas e estímulos adequados ao desenvolvimento infantil.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a exposição excessiva às telas pode gerar impactos significativos no desenvolvimento infantil, especialmente em crianças com Transtorno do Espectro Autista, afetando habilidades relacionadas à comunicação, interação social, linguagem, atenção e regulação emocional. Embora os recursos tecnológicos possam apresentar benefícios quando utilizados de forma moderada e supervisionada, o uso prolongado de dispositivos eletrônicos durante a infância pode intensificar dificuldades comportamentais e favorecer manifestações semelhantes aos sintomas do TEA, dificultando, em alguns casos, o diagnóstico diferencial.

Dessa forma, torna-se indispensável a orientação de pais, educadores e profissionais da saúde quanto ao uso equilibrado das tecnologias digitais, priorizando experiências sociais, atividades lúdicas e estímulos fundamentais para o desenvolvimento saudável da criança. Assim, o acompanhamento familiar e multiprofissional mostra-se essencial para minimizar os prejuízos relacionados ao excesso de telas e promover melhor qualidade de vida e desenvolvimento global infantil.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Gesika Vianna; CAVICHINI, Pietro Amorim; SANTOS, Mariana Fernandes Ramos dos. Uso de telas: estratégias para a redução do tempo em crianças autistas. *Revista Aracê*, v. 8, n. 2, 2026. DOI: <https://doi.org/10.56238/arev8n2-113>.

MARQUES, Cecília Ribeiro; NERES, Laura Stéfani da Costa; TOLEDO, Thaíssa Barbosa; DELMONDES, Karenn Fernanda Silva; SANTOS, Sandy Conceição dos; SANTOS, Ana Cristina Doria dos. Avaliação das implicações em casos do excesso de uso de tecnologias e o aumento dos diagnósticos de transtornos mentais. *Pensar Acadêmico*, v. 23, n. 3, 2025. DOI: <https://doi.org/10.21576/pensaracadmico.2025v23i3.4490>.

NEPOMUCENO, Raquel de Sousa. Autismo ou excesso de telas? Os sintomas aparentemente autísticos em crianças na educação infantil. 2023. Dissertação (Mestrado em Ensino em Ciência e Saúde) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciência e Saúde, Palmas, 2023. Orientador: Ladislau Ribeiro do Nascimento. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/7056>. Acesso em: 14 maio 2026.

RIOS, Victória Dalbon; ZOGHEIB, Tammer Ferreira. Exposição excessiva de telas em crianças e o diagnóstico diferencial com o autismo. *Revista Esfera Acadêmica Saúde*, v. 10, n. 1, 2025. Disponível em: https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2025/09/REVISTA_ESFERA_SAUDE_V10_N1_ARTIGO-3.pdf.



SANTANA, Gabriel Garcez; VINHADELLI, Maria Fernanda Pimentel; CAETANO, Fernanda Oliveira da Costa; CARVALHO FILHO, Antonio Carlos de; ARAÚJO, Ana Luiza Monteiro Bernardes; CARDOSO, Fábio Victorelli; CARDOSO, Luca Victorelli; CASTRO, Maria Luísa Martineli Fernandes de; ROSA, Rafaela da Silva; MARTINS, Júlia Gabriella Gonçalves. Impactos do uso excessivo de telas no desenvolvimento infantil: abordagens de redução de danos para crianças com TEA e TDAH. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 8, n. 3, 2025. DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv8n3-151>. Acesso em: 14 maio 2026.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Departamento Científico de Neurologia (gestão 2022-2024). Transtorno do espectro autista e telas. Nota de Alerta n. 119, 28 nov. 2023. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria, 2023. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/24244d-NA-TranstornoEspectroAutista_e_Telas.pdf. Acesso em: 14 maio 2026.